

REBECCA SOLNIT

Recordações da minha inexistência

Memórias

Tradução

Isa Mara Lando



COMPANHIA DAS LETRAS

1.

Certo dia, muito tempo atrás, olhei para mim mesma de frente num espelho de corpo inteiro e vi minha imagem escurecer e ficar nebulosa e então recuar, como se eu estivesse desaparecendo do mundo, e não afastando aquilo da minha mente. Procurei me apoiar no batente da porta do outro lado do corredor e foi aí que senti minhas pernas se dobrarem debaixo de mim. Minha imagem saiu flutuando à deriva e se dissolveu na escuridão, como se eu fosse apenas um fantasma desaparecendo até mesmo do meu próprio olhar.

Naquele tempo eu desmaiava de vez em quando e tinha tonturas com frequência, mas essa ocasião foi memorável porque não me pareceu que o mundo estava desaparecendo da minha consciência, mas sim que eu estava desaparecendo do mundo. Eu era a pessoa que estava desaparecendo e também aquela pessoa sem corpo observando à distância — era as duas e nenhuma das duas. Naquela época eu estava tentando desaparecer e aparecer, tentando estar em segurança e ser alguém, e esses objetivos muitas vezes conflitavam entre si. E eu me observava para ver se conseguia ler no espelho aquilo que eu poderia ser, e se eu estava à altura, e se todas as coisas que já tinham me dito a meu respeito eram verdadeiras.

Ser uma jovem mulher significa enfrentar a sua própria aniquilação de maneiras inumeráveis, ou então fugir dela, ou do conhecimento dela, ou todas essas coisas ao mesmo tempo. “A morte de uma bela mulher é, sem dúvida, o tema mais poético que há no mundo”, disse

Edgar Allan Poe, que decerto não imaginou isso do ponto de vista das mulheres que preferem viver. Eu estava tentando não ser o tema da poesia de outra pessoa, e não acabar sendo morta; estava tentando encontrar uma poética própria, sem mapas, sem guias, sem muita coisa em que me basear. Essas coisas todas talvez já existissem, mas eu ainda não as tinha localizado.

A luta para encontrar uma poesia em que se comemora a sua sobrevivência, e não a sua derrota, talvez a luta para encontrar a sua própria voz e insistir nisso, ou, pelo menos, encontrar uma maneira de sobreviver em meio a um clima geral que sente prazer ao ver você se apagar e fracassar — esse é um trabalho que muitas jovens precisam fazer, talvez a maioria. Naqueles anos de juventude eu não fazia isso muito bem, nem com muita clareza, mas fazia ferozmente.

Muitas vezes eu não sabia contra o que e por que eu estava resistindo, e assim minha rebeldia era turva, incoerente, errática. Aqueles anos tentando não sucumbir, ou então sucumbir como alguém que vai afundando num atoleiro e começa a agitar os braços desesperadamente para escapar, isso incontáveis e incontáveis vezes, me voltam à mente agora quando vejo as jovens ao meu redor nas mesmas batalhas. A luta não era apenas pela sobrevivência do corpo, embora isso pudesse ser bastante intenso, mas para sobreviver como uma pessoa de posse dos seus direitos, incluindo o direito à participação, à dignidade e a ter uma voz. Mais do que sobreviver: viver.

A diretora, roteirista e atriz Brit Marling disse recentemente: “O que faz você continuar sentada naquela cadeira, naquela sala, aguentando o assédio ou os abusos de um homem poderoso é, em parte, o fato de que como mulher você raramente viu algum outro final para a sua vida. Nos romances que você leu, nos filmes que viu, nas histórias que

ouviu desde que nasceu, é muito frequente que as mulheres tenham um fim desastroso”.

O espelho em que me vi desaparecer ficava no apartamento onde morei por 25 anos, desde o final da minha adolescência. Os primeiros anos que passei ali foram a época das minhas batalhas mais ferozes, algumas das quais venci, outras das quais deixaram cicatrizes que ainda levo comigo, e muitas das quais me formaram de tal maneira que nem posso dizer que eu gostaria que aquilo tudo tivesse sido diferente, pois nesse caso eu seria outra pessoa completamente diferente, e essa pessoa não existe. Quem existe sou eu. Mas posso desejar que as jovens que vêm depois de mim possam saltar alguns desses velhos obstáculos, e alguns dos meus textos têm esse objetivo, pelo menos nomeando esses obstáculos.

2.

Outra história de espelhos: quando eu tinha uns onze anos havia uma loja de sapatos onde minha mãe me comprou botinas de operário, minhas prediletas naquela época em que eu estava tentando não ser aquela coisa desprezada, uma menina, e estava tentando ser algo distinto disso — algo robusto, rijo, pronto para a ação; mas foi outra coisa que tornou aquela loja de sapatos inesquecível. Parando na frente dos espelhos colocados de ambos os lados do corredor central, podia-se ver a imagem da imagem da imagem da imagem de você mesma, ou dos banquinhos, ou de qualquer coisa — cada uma mais aquosa, mais esmaecida e remota que a outra, se afastando lá para trás, para o além, aparentemente para sempre, como se ali houvesse um oceano com aqueles reflexos e você estivesse enxergando cada vez mais longe naquelas profundezas verde-mar. Naqueles momentos, não era eu mesma que eu tentava discernir, mas sim o além.

Para além de cada início há outro início, e atrás deste há outro ainda, e mais um; mas um ponto de partida pode ser minha primeira viagem no ônibus 5 Fulton, essa linha que corta a cidade em duas, saindo do centro, junto à baía de San Francisco, e seguindo direto para oeste pela Fulton Street até o oceano Pacífico. O essencial desta história acontece no meio dessa rota, no meio da cidade, mas por um momento só, fique nesse ônibus que se esforça para subir a ladeira, passando pela igreja jesuíta cujas torres absorvem a luz da manhã, continue seguindo em frente ao longo daquele grande parque do lado

sul da rua, e avenida após avenida com casas cada vez mais esparsas, sobre uma terra que é, na verdade, apenas areia, até aquele trecho arenoso que vai encontrar o Pacífico — o oceano que recobre um terço do planeta.

Às vezes o oceano inteiro parece um espelho de prata polida, embora seja turbulento demais para conservar tantos reflexos; é a baía que mostra o reflexo do céu na superfície. Nos dias mais belos não há palavras que descrevam as cores da baía de San Francisco e o céu sobre ela. Por vezes a água reflete um céu que é ao mesmo tempo cinza e dourado, e a água é azul, é verde, é prata, é um espelho daquele cinza e daquele dourado, captando o calor e o frio das cores em suas ondulações — é todas essas cores e nenhuma delas, é algo mais sutil do que a linguagem que usamos. Por vezes um pássaro mergulha no espelho da água, desaparecendo no seu próprio reflexo, e a superfície reflexiva torna impossível enxergar o que há por baixo.

Por vezes no nascimento e na morte de um dia, o céu opala é de uma cor para a qual não temos palavras, o ouro se transformando em azul sem o verde intermediário entre essas cores, as cores quentes, flamejantes, que não são damasco, nem carmesins, nem ouro, a luz se transformando de segundo em segundo de modo que o céu tem incontáveis tons de azul, enquanto vai esmaecendo, a partir da região onde o sol se encontra até o extremo oposto, onde outras cores estão acontecendo. Se você desviar a vista por um momento que seja, vai perder uma tonalidade para a qual jamais haverá nomenclatura, e que já se transformou em outra, e mais outra. Há nomes de cores que são gaiolas contendo o que ali está fora de lugar, e isso também acontece de modo geral com a linguagem, com palavras como *mulher, homem, criança, adulto, seguro, forte, livre, verdadeiro, negro, branco, rico, pobre*. Nós precisamos das palavras, mas é melhor utilizá-las sabendo que são

recipientes sempre despejando seu conteúdo para fora, quebrando e se abrindo. Alguma coisa está sempre mais além.

3.

Por vezes um presente é dado, e nem o doador nem o receptor sabem quais são as suas verdadeiras dimensões, e aquilo que parece ser à primeira vista não é o que será no final. Tais como os inícios, os finais têm intermináveis recessos, camadas sobre camadas, consequências que se espraíam em todas as direções. Num domingo de inverno, quando eu era jovem, ignorante, pobre e quase sem amigos, fui ver um apartamento para alugar. Eu o encontrei nos classificados de jornal — algumas pequeninas linhas de informações naquele denso quadriculado cinza que em geral descrevia imóveis fora do meu alcance. Riam de mim quando eu dizia que estava procurando um lugar por duzentos dólares por mês — um preço baixíssimo mesmo naquela época, mas eu não podia pagar mais que isso naquele último semestre da faculdade, o terceiro ano da minha independência financeira.

Na época em que saí procurando casa, eu morava num quatinho minúsculo com uma janela que dava para os fundos do prédio, mas que era, mesmo assim, um luxo por ter seu próprio banheiro naquele apart-hotel onde os outros quartos tinham que compartilhar os banheiros no fim do corredor. O edifício inteiro tinha uma única cozinha mal iluminada, onde a comida da gente era roubada da geladeira ou assaltada pelas baratas, ou as duas coisas. Os outros moradores eram pessoas cuja vida parecia não ter dado muito certo. Eu tinha dezenove anos e a minha vida ainda não tinha dado nem

certo nem errado; ainda estava no início do processo de tentar descobrir quem eu iria me tornar, e de que maneira — a tarefa costumeira para as pessoas dessa idade. (Aos quinze anos passei no exame final do secundário; aos dezesseis entrei num curso superior de dois anos, em período integral; aos dezessete me transferi para uma faculdade de quatro anos; e aos dezenove estava terminando a Universidade Estadual de San Francisco, a que servia às classes trabalhadoras, lá no ventoso extremo sudoeste da cidade.)

Tomei o 5 Fulton perto da prefeitura, e o ônibus foi me levando ao longo de conjuntos residenciais, passando por uma igreja na Fillmore Street onde um grupo de homens negros de terno e aparência sombria estava reunido na porta para um enterro; passando por antigas casas de madeira muito ornamentadas e lojinhas de bebidas nas esquinas, subindo até a Lyon Street, onde descí, e o ônibus continuou pesadamente seu caminho rumo ao Pacífico. Encontrei o endereço: uma porta recuada que tinha, como muitos outros prédios das redondezas, um portão externo de ferro para maior segurança. Do lado de dentro, o capacho ficava preso à caixa de correio por uma corrente enferrujada com cadeado. Toquei a campainha do zelador, subi lentamente o primeiro lance de escadas quando a porta se abriu e o encontrei na porta do seu apartamento no segundo andar, de onde ele logo me mandou para o terceiro, para visitar o apartamento diretamente acima do seu.

Fiquei embasbacada com a beleza do lugar. Era um estúdio de esquina, cuja sala principal tinha uma janela saliente, dando para o sul e para o leste, pela qual a luz entrava em cascatas. Assoalho de madeira de tonalidade dourada, pé-direito alto com o teto arredondado e paredes brancas com painéis retangulares, contornados em alto-relevo. Portas com painéis espelhados e puxadores de cristal. Uma cozinha separada com outra janela, esta virada para o leste, que

explodia com a luz da manhã quando o sol se elevava acima do casarão do outro lado da rua. O apartamento parecia luminoso, um pouquinho fora da realidade, um lugar saído de um conto de fadas, imenso e refinado em comparação com os quatinhos espartanos onde eu sempre tinha morado desde que saí da casa dos meus pais, logo que completei dezessete anos. Fiquei flutuando por ali um tempo, depois desci e disse ao zelador que queria o apartamento. Ele falou, bondosamente: “Se você quer, deve ficar com ele”. Eu desejava apaixonadamente; era mais bonito do que qualquer coisa que eu jamais sonhara que poderia ter, e só estar nele já parecia um sonho.

O zelador era um homenzarrão negro de sessenta anos, alto, corpulento, forte, sem dúvida muito bonito no passado e ainda uma figura impressionante, com uma voz bem grave, tonitruante, e se estivesse vestido naquele dia como se vestia em geral, devia estar de macacão. Abriu a porta para eu entrar na sua sala. Naquela tarde de domingo de final do Superbowl, quando um time local estava jogando e um rugido se elevava das casas em todo o bairro a cada ponto marcado, ele estava assistindo a músicos negros tocando blues na sua grande TV, que ficava numa mesinha ao lado da mesa hexagonal de pôquer, coberta de feltro verde; a luz de fora se filtrava das janelas salientes pelas persianas antiquadas, de lâminas largas. Quando ele me passou o formulário de aluguel, meu coração desabou. Falei que eu já tinha sido recusada pela mesma imobiliária de quinta categoria, cujo nome constava no papel timbrado. Um funcionário havia jogado meu formulário no lixo, com um gesto de desprezo, bem na minha frente: minha renda era inferior ao mínimo exigido.

O zelador me disse que se eu conseguisse uma mulher mais velha, respeitável, para fazer o pedido, ele não diria nada a eles. Aceitei a sugestão e pedi à minha mãe, que muitas vezes já tinha se recusado a fazer coisas comprometedoras para me ajudar. Dessa vez ela aceitou:

preencheu e apresentou o formulário. A imobiliária não desconfiou de nada; por que uma pessoa branca, com imóvel próprio, residente do outro lado da ponte Golden Gate, haveria de querer o apartamento? Creio que ela disse que queria ficar mais perto do trabalho, porque era contadora de uma agência de talentos no centro da cidade. Eles provavelmente consentiram por ser a candidata de melhor situação financeira para aquele pequeno apartamento num bairro negro.

Durante os oito anos seguintes paguei meu aluguel todos os meses assinando uma ordem de pagamento com o nome dela em vez do meu. O contrato especificava que a pessoa que o assinou seria a moradora; assim, eu não existia oficialmente na minha casa, ela não era minha oficialmente. Apesar de ter acabado morando ali por tantos anos, durante muito tempo eu sentia que podia ser expulsa a qualquer momento e que era melhor procurar ser invisível ao máximo, o que reforçou uma tendência para ser furtiva, o hábito de tentar passar despercebida que eu já tinha quando criança. Em dado momento a imobiliária descobriu que a moradora não era a signatária do contrato e perguntou ao zelador o que estava acontecendo. Ele garantiu que eu era uma locatária silenciosa, responsável, e nada aconteceu; mesmo assim eu me sentia numa situação precária.

James V. Young era o nome do zelador do prédio. Eu sempre o chamava de sr. Young. Em algum momento ele mencionou que eu era a primeira pessoa branca a residir naquele prédio em dezessete anos. Os outros moradores eram em geral casais mais velhos, exceto uma mãe solo e sua filha, muito gentil, que moravam em outro estúdio do prédio; havia sete apartamentos dando para uma escada de dois andares e garagens no andar térreo. O fato de que eu tinha me mudado para um bairro negro era algo que eu ainda não tinha captado muito bem e me ensinou muitas coisas durante os anos seguintes. Morei ali tanto tempo que, quando saí, deixei para trás um

*image
not
available*

surgiu diante de mim na época em que morei ali, naquela casa luminosa que o sr. Young tornou possível para mim.

*image
not
available*

O que significa que era um bairro profunda e densamente espiritual, um lugarzinho bradando aos céus e a diversas versões de Deus. Naqueles primeiros anos, os frequentadores dessas igrejinhas iam a pé para o culto, vestidos com esplendor, os homens e garotos com ternos de várias cores, as meninas e mulheres de vestido, as senhoras mais velhas com chapéus de cetim, tule e veludo, chapéus que tinham sido dobrados, plissados, virados, decorados com véus, flores de pano, penas ou bijuterias. O bairro tinha vida, de uma maneira que fazia os subúrbios de classe média onde me criei parecerem mortos e desnudos — subdivisões destinadas, intencional e culturalmente, a se retirarem do espaço público e do contato humano, lugares onde os adultos andavam de carro e as pessoas andavam sós, e as cercas entre as casas passavam da nossa cabeça.

Às vezes eu olhava das minhas grandes janelas e via lá embaixo as pessoas indo para a igreja, caminhando em várias direções; às vezes eu mesma saía passeando em meio à multidão de gente que se cumprimentava antes e depois do culto. Era um lugar vivo, de uma vitalidade pulsante, naqueles dias em que as congregações passavam uma pela outra caminhando para o seu local de oração e depois se dispersavam a pé para suas casas. As igrejas eram proprietárias dos seus edifícios e permaneciam sempre ali, mas os membros em geral moravam de aluguel; aos poucos, mais e mais fiéis passaram a residir em outros lugares, e as ruas já não eram tão animadas. Em vez dos grupos alegres nas calçadas das igrejas, começou a haver fileiras de carros parados em fila dupla em frente a cada uma. E depois, lentamente, as igrejas também passaram a desaparecer, mas isso foi muito depois daqueles dias em que comecei a conhecer o bairro e sua gente.

Os moradores mais velhos fizeram parte da grande migração da população negra vinda do Sul do país, e seu modo de vida no bairro se

*image
not
available*

no campo. A gangue de ladrões de banco estava lá porque, numa sociedade segregada, o último lugar onde alguém iria procurar gente branca fora da lei era em meio aos negros. Segundo relatos, a gangue fez isso com pelo menos mais uma família de trabalhadores rurais negros em Oklahoma; mais tarde ouvi dizer que outro gângster lendário, Pretty Boy Floyd, também costumava se esconder em casas de negros, naquela época em que um ladrão de banco era uma espécie de herói folclórico. Naquela visita à casa da família Young, a gangue de Bonnie e Clyde deixou em cima da mesa uma moeda de ouro de dez dólares. A mãe não queria ficar com dinheiro roubado, mas o pai disse: “As crianças precisam de sapatos para o inverno”. Houve duas visitas. Essa e uma outra, quando voltaram do campo e encontraram a gangue sentada à mesa, se servindo do que havia na cozinha.

Tantos anos depois de ouvir essa história, ainda consigo visualizar a cena que imaginei enquanto ouvia — uma casinha de madeira em algum lugar do interior, uma mesa, um aparador, quem sabe uma varanda, talvez rodeada por um milharal. Quiçá um daqueles carros poderosos roubados pela gangue de Barrow, estacionado ao lado da casa — gente branca dentro do espaço de uma família negra. E é bem o que eu era naquele edifício onde ele tinha me convidado para morar, naquele bairro para onde muitos negros haviam se mudado, quando foram despejados pelo esvaziamento do distrito Fillmore em nome da renovação urbana — na época chamada de “remoção dos negros”. As mesmas famílias que haviam chegado para escapar do Sul do país expulsas novamente, empurradas para a margem oeste de uma grande área da cidade conhecida como Anexo Oeste (Western Addition).

Há tantas maneiras de forçar as pessoas a desaparecer — são desenraizadas, apagadas, enquanto lhes dizem que essa não é a história nem o lugar delas. Vão se empilhando em camadas como estratos geológicos; o povo Ohlone habitara durante milênios a península de

*image
not
available*

parede de madeira, debaixo de um telhadinho como uma tampa de fogão; e depois desapareceu por completo, com a proliferação do telefone celular.

A textura dessa vida de outrora parece difícil de transmitir nos dias de hoje: a solidão de alguém que perambulava pela cidade esperando chegar um ônibus ou um táxi, ou tentando encontrar uma cabine telefônica para chamar um táxi ou ligar para um amigo, discando um número que sabia de cor, ou perguntando à telefonista, ou procurando na lista telefônica com suas folhas amarrotadas, fininhas como um lenço de papel, se é que havia na cabine essa lista, com sua capa preta rígida pendurada por uma corrente de metal; alguém que saía para procurar o que queria em muitas lojas, antes da chegada da internet, que possibilitou encontrar exatamente o que se deseja sem precisar sair da cama, naquele tempo em que havia menos lojas de grandes redes e mais variedade. Éramos sujeitos às maravilhas e às frustrações do imprevisível, e éramos mais capazes de suportá-las porque o tempo avançava numa velocidade que só depois nos ficaria parecendo um fluxo suave, como um rio atravessando uma campina, antes da cachoeira da aceleração que haveria de levar nós todos de roldão. Estávamos preparados para encontros com desconhecidos; mais tarde a época digital passou a isolar muitos de nós disso tudo. Foi uma época tanto de contatos mais imprevisíveis como de uma solidão mais profunda.

Naquele tempo em que as coisas não eram tão caras, a excentricidade tinha diversos lugares onde se ancorar. Muitas lojinhas também funcionavam como pequenos museus dedicados a várias coisas — havia uma lavanderia perto da Castro Street com uma mostra de antigos ferros de passar, dispostos artisticamente; várias lojas expunham fotos antigas do bairro tal como fora muito tempo antes, e numa lojinha de esquina na Mission Street havia uma bola

*image
not
available*

encanamento que fazia um ângulo reto com a parede. A chama piloto nunca funcionou enquanto morei lá, de modo que eu colecionava caixinhas de fósforos dos bares e restaurantes, na época em que era permitido fumar nesses lugares. Poder preparar minhas refeições num fogão, ter uma geladeira inteira só para mim pareciam um luxo depois de morar naquele apart-hotel onde eu não podia guardar comida nem cozinhar.

Eu era pobre. Catava móveis jogados na rua, comprava roupas de brechó e utensílios domésticos em bazares de caridade; naquela época dávamos valor às coisas velhas e, quanto ao aspecto estético, esse método combinava bem comigo. Tudo o que eu tinha em geral era mais velho do que eu, e isso me agradava muito; cada objeto era uma âncora para o passado. Eu ansiava por uma sensação de tempo, de história, mortalidade, profundidade, textura, que estivera ausente nos meus anos de formação num bairro de classe média recém-construído na Bay Area, com pais que tinham sido imigrantes urbanos e cuja história de vida lhes dera muito pouca sensação de ter uma linhagem, poucas histórias para contar, nada de relíquias de família. Meu trabalho como escritora por vezes consistiria em restaurar épocas passadas perdidas e esquecidas em lugares da Costa Oeste.

Encontrei um sofazinho vitoriano, estofado de veludo com tachas, numa venda de garagem, a caminho de uma manifestação no bairro Castro; os rapazes gays que o venderam por dez dólares fizeram a gentileza de carregá-lo escada acima depois que a passeata terminou. O sofá soltava no chão dejetos do seu estofamento antediluviano de crina de cavalo, como um cachorro velho com incontinência. Eu acumulava suvenires, tesouros e artefatos que aos poucos foram deixando o apartamento parecendo um excêntrico museu de história natural, com curiosos galhos e raminhos cobertos de líquen, ninhos de pássaros com seus caquinhos de ovos, galhadas de cervos, pedras,

*image
not
available*

debaixo do semáforo, empurrado pelo vento desde o frígido oceano de onde havia surgido.

Ou então eu ficava deitada na cama ouvindo, na calada da noite, as sirenes de alarme de nevoeiro buzinando ao longe. Acordando no meio da noite, no centro de uma cidade, num bairro bem central, esses alarmes me carregavam para as margens e mais além ainda, me levavam até o mar, o céu e o nevoeiro. Eu ouvia essas buzinas muitas vezes, e na minha lembrança esse som parece quase um correlativo daquele estado do meio da madrugada, nem bem acordado, nem bem dormindo, com a mente vagando por aí, mas o corpo imobilizado pela gravidade jupiteriana do sono. As buzinas me chamavam como se eu fosse um navio perdido, não para me levar de volta para casa, mas para me fazer lembrar que havia o oceano e o ar mais além, e que até mesmo ali, na cama dentro do armário, eu estava conectada com tudo isso.

Morei lá durante tanto tempo que eu e aquele apartamentinho fomos crescendo um dentro do outro. No início ele não tinha quase nada e dava a sensação de ser vasto; no final estava abarrotado de livros, com muitas caixas de papéis debaixo da cama, e dava a sensação de ser atulhado. Na minha memória ele parece tão lustroso como o interior de uma concha de madrepérola, como se eu fosse um caranguejo eremita que tivesse encontrado um abrigo especialmente charmoso; até que, como soem fazer os caranguejos, cresci tanto que fiquei maior que a concha.

Já faz doze anos que saí de lá e ainda consigo visualizar cada detalhe, ainda imagino às vezes que estou abrindo o armário dos remédios ali e não o da minha casa atual; ainda dei o endereço da Lyon Street para um motorista de táxi automaticamente quando voltei a andar por aquelas ruas, até lembrar que já não morava lá havia muitos anos; daí disse o endereço que veio depois daquele e, por fim,

*image
not
available*

1.

Uma amiga me deu de presente uma mesinha pouco depois que me mudei para o apartamento, uma pequena escrivaninha ou penteadeira feminina, e é nela que escrevo agora. É um móvel vitoriano gracioso, com quatro gavetinhas, duas de cada lado, e uma gaveta central mais larga acima do espaço onde ficam minhas pernas, e vários tipos de ornamentação — pernas torneadas, cada uma com uma protuberância como um joelho, outros ornamentos salientes, a parte inferior das gavetas com acabamento entalhado, puxadores de gaveta em formato de pingentes ou lágrimas.

Há dois pares de pernas na frente e dois atrás, sob as gavetas laterais. Apesar de todos esses floreios, essa velha escrivaninha é fundamentalmente robusta, uma besta de carga de oito pernas cujo dorso já carregou muitas coisas ao longo das décadas, ou então duas bestas de carga lado a lado, unidas pela canga do tampo da mesa. Essa escrivaninha já se mudou junto comigo três vezes. É a superfície onde já escrevi milhões de palavras: mais de vinte livros, resenhas, ensaios, cartas de amor, milhares de e-mails para a minha amiga Tina durante os anos do nosso intercâmbio epistolar quase diário, centenas de milhares de outros e-mails, alguns panegíricos e obituários, inclusive dos meus pais, a escrivaninha em que fiz os deveres de casa de estudante e depois de professora, um portal para o mundo e minha plataforma para estender as mãos para fora e também mergulhar para dentro.

*image
not
available*

um fenômeno ou uma essência, tão plenamente, com tanta clareza, que a luz dessa compreensão ilumina o restante da vida”. Ele então começa pela escrivaninha de pinho em que está escrevendo e vai viajando a partir da descrição da cor e do grão da madeira até as árvores e as florestas, e prossegue até o amor, a perda, a visão de vários lugares. É uma bela viagem. Consigo imaginar muitas florestas aonde eu gostaria de ir partindo da minha própria escrivaninha, feita de árvores que devem ter sido cortadas antes do nascimento das minhas avós; e preferiria fazer essas viagens a entrar no assunto da violência de gênero.

Mas a escrivaninha diante da qual me sento me foi dada por uma mulher que um homem tentou assassinar, e parece que já é hora de contar o que significou para mim ser criada numa sociedade em que muitos preferiam que pessoas como eu estivessem mortas ou em silêncio, e como eu consegui uma voz, e como chegou, por fim, a hora de usar essa voz — uma voz que ficava mais articulada quando eu estava sozinha a essa mesa falando por meio dos meus dedos, em silêncio —, hora de usar essa voz para tentar contar as histórias que tinham ficado sem contar.

As memórias, em sua forma mais convencional, são histórias de superação — um arco que vai terminar numa vitória final, com problemas pessoais a serem resolvidos por meio da evolução pessoal e uma firme determinação. O fato de que muitos homens desejaram e ainda desejam agredir e ferir mulheres, especialmente as jovens, o fato de que muita gente sente prazer com essas agressões, e que muitas outras pessoas descartam a importância delas, me impactou de uma maneira profundamente pessoal; mas a cura não foi pessoal. Não havia nenhum ajuste que eu pudesse fazer na minha psique ou na minha vida que tornasse esse problema aceitável ou inexistente; e não havia aonde ir para deixá-lo para trás.

*image
not
available*

ao seu redor de fato sofrem esses horrores, pode deixar uma pessoa traumatizada mesmo que fique intocada fisicamente; e esse medo pode persegui-la por muito tempo depois de terminada a causa. Em geral, quando as pessoas escrevem sobre a violência de gênero, descrevem o trauma como causado por um evento ou um relacionamento horrível e excepcional, como se alguém de repente levasse um tombo e caísse no mar. Mas e se você estiver nadando nesse mar durante a vida toda, sem terra firme à vista?

Legiões de mulheres estavam sendo assassinadas — em filmes, canções, romances e no mundo real; e cada morte era uma pequena ferida, um pequeno peso, uma pequena mensagem: aquela mulher poderia ser eu. Certa vez conheci um monge budista que carregava pequenas moedas que os devotos lhe davam; de moeda em moeda eles o deixaram sobrecarregado, até que acabou arrastando dezenas de quilos de mágoas e tristezas, tilintando sem parar. Também nós, as jovens, carregávamos aquelas histórias de terror como um peso secreto, como grilhões se arrastando por toda parte aonde íamos. Seu clangor nos dizia, sem trégua, sem cessar: “Podia ser você”. Por essa época dei de presente a única televisão que já possuí, uma pequena TV em branco e preto que foi da minha avó materna na sua casa de repouso; decidi me desfazer dela pouco depois de uma noite em que liguei essa TV, fui mudando de canal e vi em cada um, em todos os canais, uma jovem sendo assassinada. Podia ser eu.

Eu me sentia cercada, caçada. Repetidas vezes, mulheres e meninas eram atacadas não por algo que tivessem feito, mas porque estavam disponíveis quando algum homem quis — *castigar* é o verbo que me vem à mente, embora o motivo do castigo fique pairando no ar. Não puni-las devido a *quem* elas eram, mas sim pelo *que* elas eram. O que nós todas éramos. Mas, na verdade, devido a quem *ele* era, um homem que tinha o desejo de atacar as mulheres e acreditava que tinha esse

*image
not
available*

Eu tinha que escolher: ou renunciar, já de saída, à minha liberdade, ou me arriscar a perdê-la da pior maneira possível. Uma coisa que deixa uma pessoa louca é lhe dizer que as experiências que ela viveu não aconteceram na realidade, que as circunstâncias que a cerceiam são imaginárias, que os problemas estão todos na sua cabeça, e que se ela está angustiada é sinal de fracasso, pois o sucesso seria calar a boca ou então cessar de saber aquilo que ela sabe. Dessa situação insuportável surgem as rebeldes que escolhem o fracasso e o risco e as prisioneiras que escolhem a submissão.

Nos anos 1980 havia um movimento feminista a todo vapor, com muito a dizer sobre a violência contra as mulheres e até mesmo marchas de protesto, as chamadas *Take Back the Night*, contra essa violência; mas não estavam ao meu alcance na época. Eu era muito jovem, imersa em culturas incompatíveis com aquela que parecia ser de mulheres mais velhas, que falavam um idioma que eu ainda não havia aprendido. Elas estavam longe — a uma distância que acabei atravessando lentamente, depois que toda essa violência fez de mim uma feminista solitária. Escrevi sobre a violência contra mulheres numa reportagem de capa de uma revista punk em 1985; também escrevi em ensaios e críticas de arte nos anos 1990, e ainda num capítulo do meu livro *A história do caminhar*, de 2000, detalhando todos os obstáculos que as mulheres enfrentam ao sair caminhando pelo mundo.

Há um tipo de indignação que eu conheço bem, quando alguém sente que o mal que lhe fizeram foi ignorado, um tipo de trauma que faz o sofredor contar compulsivamente sua história não resolvida. Você conta e reconta até que alguém quebre essa maldição ao ouvir, realmente ouvir, e acreditar em você. Eu mesma já fui essa pessoa, com minhas experiências vividas em primeira mão; mas também é o que eu sentia quanto à violência contra as mulheres em geral.

*image
not
available*

3.

Eu nunca estivera em segurança, mas creio que o motivo do horror que me atingia era que durante alguns anos pensei que talvez eu pudesse estar, que a violência masculina fora contida na casa em que me criei, e assim eu podia deixar aquilo para trás. Certa vez escrevi que fui criada num mundo virado do avesso, onde todos os lugares, exceto a minha casa, eram seguros; e todos os outros lugares pareciam bastante seguros quando eu era criança, morando num loteamento onde o bairro ia dar no campo, onde eu podia perambular livremente, fosse na cidade ou na colina, ambas logo à minha porta. Eu ansiava por ir embora da casa dos meus pais e planejava isso desde criança, desde que tinha uma idade que ainda dava para contar nos dedos das mãos, sempre fazendo listas do que é preciso levar para fugir de casa. Depois que saí, nunca mais corri perigo dentro da minha própria casa; ela me dava a sensação de ser o único lugar onde eu estava em segurança.

Aos doze anos, aos treze, catorze, quinze, fui perseguida e pressionada a fazer sexo por homens adultos relacionados com meu círculo familiar e meu círculo social e fui alvo de assédio nas ruas em muitos lugares. Há ausências tão profundas que até a consciência dessa ausência está ausente; faltam coisas até nas nossas listas de coisas desaparecidas. Foi o que ocorreu com a voz com que eu poderia ter dito: *Não, não estou interessada, me deixe em paz* — mas só percebi isso recentemente.

*image
not
available*

Em outra ocasião, depois de tomar esse mesmo ônibus, fui assaltada à noite naquela mesma rua — cercada por vários rapazes altos, um dos quais ficou prendendo meus braços enquanto eu gritava para os carros, que não paravam, imaginando que meus piores temores estavam prestes a acontecer. Assim se foi uma bolsa cheia de negativos e fotos para a aula de fotojornalismo, junto com outros trabalhos escolares. O professor de fotografia não acreditou em mim, e minha nota sofreu com um trabalho que improvisei às pressas, não tão bom quanto o que foi roubado. Eu estava treinando para ser jornalista, mas minha capacidade de atuar como repórter foi posta em dúvida. Mais uma vez as palavras me faltaram. E isso aconteceu muitas outras vezes. Depois de sofrer outro ataque, contei o fato ao meu chefe — um homem idoso, psiquiatra especializado em crianças — explicando por que eu não estava trabalhando bem aquele dia, mas percebi que ele ficou excitado eroticamente com meu relato do ataque. Minha amiga que quase foi assassinada também enfrentou depois essa mesma reação dos homens ao seu redor.

Muitas vezes me disseram que eu estava imaginando coisas, ou exagerando, que eu não era digna de crédito; e essa falta de credibilidade, essa falta de confiança na minha capacidade de relatar o que acontecia comigo e interpretar o mundo fazia parte da perda do espaço onde eu podia existir, da perda da minha confiança em mim mesma, da possibilidade de que houvesse um lugar para mim no mundo, e de que eu tivesse algo a dizer que merecesse consideração. Quando parece que ninguém mais confia em você, é difícil você mesma confiar; e se confia, você se coloca contra todos eles. Qualquer uma dessas opções pode fazer a pessoa se sentir louca e ser chamada de louca. Nem todo mundo tem espinha dorsal para aguentar isso. Quando seu corpo não é seu e sua verdade não é sua, o que, então, é seu?